

El Niño intenso aumenta risco de novas enchentes no Rio Grande do Sul neste ano

Especialistas defendem ser impossível prever, ainda em maio, se haverá uma repetição do que ocorreu em 2024

das cicatrizes
à reconstrução

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Dois anos após a tragédia que transformou rios em ameaça, casas em escombros e cidades inteiras em memórias doloridas, a previsão de formação de um novo El Niño no segundo semestre reacende uma pergunta inevitável: o Rio Grande do Sul pode viver novamente uma sequência de eventos extremos?

A resposta, por enquanto, exige menos alarme e mais precisão. O fenômeno climático deve se formar, há sinais de que possa ganhar força e os modelos apontam para aumento da instabilidade nos próximos meses, mas nenhum especialista afirma ser possível prever, ainda em maio, uma repetição de 2024.

Os sinais observados no Oceano Pacífico vêm chamando atenção de meteorologistas e centros internacionais de monitoramento climático. As águas da região equatorial estão aquecendo rapidamente, cenário clássico da formação do fenômeno. Modelos já apontam alta probabilidade de consolidação do El Niño ao longo do inverno, com possibilidade de intensidade forte ou até muito forte entre primavera e verão.

No RS, isso costuma significar mais chuva, maior frequência de temporais, tempestades severas, granizo, ventos fortes e risco ampliado de enchentes - como as que concorreram em maio de 2024. Ainda assim, especialistas reforçam um ponto central: prever a formação do El Niño é diferente de prever quais impactos ele terá.

A meteorologista Estael Sias, da MetSul, ressalta que o fenôme-



Temor da população vai além dos gráficos meteorológicos e nasce da memória da recente tragédia

no, sozinho, não explica o desastre já vivido. “O evento de 2024 não foi causado apenas pelo El Niño. Houve uma combinação excepcional de diversos fatores e índices climáticos que favoreceram o excesso de chuva”, explica. Entre eles estavam bloqueios atmosféricos, oscilações antárticas negativas e condições favoráveis à formação de ciclones.

Estael lembra que outros episódios de El Niño ainda mais intensos não provocaram no Estado algo parecido com o que ocorreu no ano passado. Em 1997-1998 e 2015-2016, por exemplo, o fenômeno teve força maior do que em 2023-2024, mas produziu cheias mais regionalizadas.

“Há uma diferença entre prever o El Niño em si e seus impactos específicos”, afirma. Segundo ela, o que os modelos conseguem indicar hoje é uma tendência de aumento da chuva e da instabilidade

no Sul do País, especialmente na segunda metade do ano.

Na Defesa Civil do Estado, o cenário também é de atenção. A meteorologista Cátia Valente afirma que o aquecimento do Pacífico ocorre de forma rápida, aumentando a chance de um evento forte nos próximos meses. Segundo ela, o inverno gaúcho já costuma ser mais úmido e instável. Com o fenômeno atuando, o potencial para eventos extremos aumenta ainda mais. “Em anos de El Niño, normalmente aumenta bastante essa possibilidade. Podemos ter mais tempestades severas, episódios de chuva intensa, ventos fortes, granizo e temporais em geral”, diz.

Apesar disso, Cátia reforça que não existe base técnica para afirmar que o Estado viverá uma tragédia semelhante à 2024. “Não podemos afirmar que teremos um evento igual, maior ou menor. Isso

não é possível neste momento”.

No Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a cautela é semelhante. O meteorologista Leydson Galvêncio Dantas destaca que as previsões trabalham com tendências amplas e não com eventos extremos específicos.

“Muitas vezes se fala apenas da temperatura do oceano, mas não basta olhar só para os números do Pacífico Equatorial. É necessário haver um acoplamento entre as anomalias observadas no Pacífico e os efeitos delas na atmosfera. Hoje, estamos em um período de menor previsibilidade climática, o que exige cuidado nas projeções de longo prazo”, afirma.

O temor da população, porém, vai além dos gráficos meteorológicos. Ele nasce da memória ainda muito recente das enchentes que devastaram o Estado em setembro de 2023 e maio de 2024. Naquele

período, rios como Taquari, Caí, Sinos, Jacuí e Uruguai registraram cheias históricas. O Guaíba voltou a ultrapassar a cota de inundação depois de décadas, e mais de 200 pessoas morreram.

Dantas explica que, além do El Niño, havia aquecimento anormal do Atlântico próximo à costa gaúcha, bloqueios atmosféricos e uma intensa circulação de umidade sobre o Estado. “Foi uma combinação muito específica de fatores. Hoje não há como prever, com tanta antecedência, se esse mesmo cenário vai se repetir”, analisa.

Ao mesmo tempo, a possibilidade de um segundo semestre mais chuvoso já é suficiente para colocar órgãos de monitoramento em alerta. A tendência é de aumento da umidade, mais episódios de chuva intensa e maior frequência de temporais, especialmente na primavera, período historicamente mais crítico em anos de El Niño.

Para Cátia, o principal desafio agora é manter o monitoramento constante sem alimentar alarmismo. “Hoje a única certeza é que teremos um El Niño. E tudo indica que será um evento de intensidade pelo menos forte”. Ela reforça que os próximos meses serão decisivos para entender a evolução do fenômeno e seus possíveis impactos regionais.

Enquanto isso, especialistas defendem que o foco esteja na preparação: revisão de planos de contingência, reforço das equipes de resposta, atualização de sistemas de alerta e melhorias na comunicação de risco são medidas fundamentais diante da possibilidade de um período mais instável.

Esta é a quinta matéria de uma série que pretende mapear as principais ações feitas ao longo destes dois anos após a grande enchente de 2024 no RS

Após o forte temporal, Santana do Livramento lida com os estragos

/ CLIMA

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

Passado o forte temporal que atingiu Santana do Livramento na quinta-feira, na fronteira com o Uruguai, o município ainda enfrenta problemas de falta de

energia elétrica e casas destelhadas, que ficam em torno de 200 – foram distribuídos 2,5 mil metros de lona no período para tapar os pontos afetados pela chuva. A prefeitura decretou situação de emergência e montou um abrigo temporário para os desabrigados, mas não houve adesão. O motivo, conforme a administra-

ção, é que as pessoas que deixaram suas casas optaram por ficar com familiares e amigos.

Ainda assim, é feita uma distribuição de marmitas para auxiliar a população. São cerca de 200 por noite. Também houve uma arrecadação de aproximadamente 220 cestas básicas, já entregues.

E mesmo com o problema da falta de luz já resolvido em algumas regiões, ainda há bairros sem energia e, por consequência, sem água nas casas, por conta da falta de energia nas bombas. A rodoviária municipal também foi atingida e sofreu com destelhamento.

Conforme a MetSul Mete-

rologia, um anemômetro no alto de uma torre de aerogerador no parque eólico da cidade registrou rajadas de vento de 130 km/h. A tempestade ainda veio acompanhada de chuva forte e intensa atividade elétrica. A chegada de nuvens carregadas ocorreu durante a madrugada, antecedendo a fase mais severa do temporal.